

ALFABETIZAÇÃO EM FOCO: UM ESTUDO SOBRE RECOMPOSIÇÃO NO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Gladys de França Vieira ¹
Lúcia de Fátima da Cunha ²

RESUMO

Este estudo analisa o desempenho escolar de uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental anos iniciais de uma escola pública da zona sul de Natal/RN, composta por 28 alunos entre 9 e 10 anos, no contexto pós-pandemia da COVID-19. O período de isolamento social, marcado por aulas remotas, expôs e aprofundou desigualdades sociais, especialmente no acesso ao ensino. Os estudantes dispunham apenas de um celular familiar para acompanhar as atividades, o que resultou em sérias dificuldades de aprendizagem, principalmente em leitura e escrita. Para enfrentar essa realidade, pós pandemia a escola adotou algumas ações estratégicas: inicialmente, promoveu uma busca ativa para resgatar os alunos ausentes. Posteriormente, realizou um diagnóstico das aprendizagens, identificando perdas equivalentes a dois anos escolares, associadas à baixa motivação, desatenção e desinteresse. Constatou-se que 15 alunos não tiveram qualquer acesso às atividades remotas e por não ter tido nenhum acesso, apresentavam ausência completa das habilidades de leitura e escrita. Diante desse cenário, foi implementada uma proposta de recomposição curricular, baseada no pensamento de (FERREIRO, 1999), (ANTUNES, 2021) entre outros. Assim sendo, dividimos a turma em dois grupos — alfabetizados e não alfabetizados — para intervenções pedagógicas específicas. Essa estratégia resultou em avanços significativos na aprendizagem, demonstrando a eficácia do trabalho focado na recomposição. O objetivo deste estudo é analisar o processo de implementação dessa recomposição curricular no 4º ano do Ensino Fundamental anos iniciais, buscando assegurar a alfabetização e o letramento dos alunos afetados pelas lacunas educacionais deixadas pelo período pandêmico. O sucesso obtido reforça a importância de ações planejadas e personalizadas no enfrentamento das consequências da crise sanitária na educação básica.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento, recomposição, aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A alfabetização, ponto crucial da educação básica, assume um papel instrumental e fundamental a partir do 4º ano do Ensino Fundamental, momento em que a criança deve transitar do "aprender a ler" para o "ler para aprender". No entanto, esse percurso foi abruptamente interrompido e severamente comprometido pela crise sanitária da COVID-19. O isolamento social e a subsequente adoção do ensino remoto emergencial expuseram a face mais dura da desigualdade social brasileira, impactando de forma desproporcional as redes públicas de ensino e, em especial, as famílias de baixa renda. Dados nacionais apontaram para um aumento alarmante no número de crianças que não foram alfabetizadas na idade certa, revertendo anos de progresso.

¹ Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do RN, gladys_vieira@yahoo.com.br

² Doutora pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do RN, lucia-cunha@hotmail.com

Neste contexto, o presente estudo se debruça sobre a realidade de uma turma do 4º ano de uma escola pública na zona sul de Natal/RN. A situação vivenciada por 28 alunos, com idades entre 9 e 10 anos, é uma pequena representação das dificuldades impostas pela pandemia, onde o acesso ao ensino remoto se limitava a um único celular compartilhado por toda a família. O diagnóstico pós-retorno revelou uma defasagem crítica, equivalente a até dois anos escolares, sendo o dado mais preocupante a constatação de que 15 alunos (mais da metade da turma) apresentavam ausência completa das habilidades básicas de leitura e escrita. Além das perdas cognitivas, foram observadas consequências emocionais e comportamentais, como baixa motivação, desatenção e desinteresse.

Diante desse cenário de urgência pedagógica, a escola implementou um plano de recomposição curricular estruturado, iniciando-se por uma busca ativa para reengajar os alunos evadidos e, em seguida, aplicando uma rigorosa avaliação diagnóstica. O cerne da intervenção foi a criação de uma proposta de recomposição baseada no pensamento construtivista de Emília Ferreiro e nas contribuições do letramento de Irandé Antunes, que permitiu o agrupamento da turma em dois níveis – alfabetizados e não alfabetizados – para a aplicação de práticas pedagógicas específicas.

O objetivo deste artigo é, portanto, analisar o processo de implementação dessa recomposição curricular no 4º ano do Ensino Fundamental, avaliando a eficácia da estratégia de agrupamento por níveis de conhecimento e buscando assegurar a alfabetização e o letramento dos alunos que tiveram suas trajetórias educacionais afetadas pelas lacunas deixadas pelo período pandêmico. O sucesso obtido neste estudo de caso oferece subsídios relevantes para a formulação de políticas e práticas educacionais de recuperação na educação básica.

METODOLOGIA

O presente estudo se configura como uma pesquisa de abordagem qualitativa, adotando o estudo de caso como delineamento metodológico, dada a análise em profundidade de uma intervenção pedagógica específica e seus resultados em um grupo delimitado de 28 alunos de uma turma do 4º ano de uma escola pública municipal de Natal/RN.

A coleta de dados e a intervenção se desenvolveram em quatro etapas interligadas:

1. Busca Ativa e Acolhimento: Etapa inicial pós-retorno presencial, focada no resgate dos alunos que apresentaram alta ausência e no acolhimento socioemocional, dada a situação de estresse e desinteresse relatada.
2. Diagnóstico das Aprendizagens: Aplicação de avaliações diagnósticas padronizadas e observacionais (ditados, produção textual, testes de fluência e compreensão de leitura) para determinar o nível de defasagem. Foi nessa etapa que se identificou a lacuna de dois anos e a condição de não-alfabetização de 15 alunos.
3. Intervenção Pedagógica (Recomposição): Implementação da estratégia central de divisão da turma em dois grupos (alfabetizados e não-alfabetizados) para o desenvolvimento de atividades e currículos prioritários adaptados.
4. Análise dos Resultados: Comparação dos dados de desempenho escolar e habilidades de leitura e escrita antes e após o período de recomposição, por meio de relatórios de progresso e reavaliações.

O agrupamento dos alunos para a intervenção foi pautado rigorosamente nos níveis de escrita identificados no diagnóstico, permitindo um trabalho pedagógico focado e personalizado, em contraste com a abordagem homogênea que se mostraria ineficaz diante da profundidade das lacunas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A base teórica que sustenta este estudo é tripartite: o entendimento do binômio alfabetização-letramento, a visão psicogenética do processo de aquisição da escrita e a conceituação da recomposição curricular.

O Binômio Alfabetização e Letramento se estabelece pela distinção entre alfabetização e letramento, amplamente discutida por Magda Soares, é vital para a intervenção no 4º ano. A alfabetização refere-se à aquisição do sistema convencional de escrita (o domínio do código alfabético), enquanto o letramento diz respeito ao uso social e funcional da leitura e da escrita – ou seja, a capacidade de o indivíduo responder às demandas sociais de leitura e escrita.

A alfabetização e o letramento estão ligados entre si, porém, algumas pessoas podem não ser totalmente alfabetizadas, ou, ainda não está nesses dois processos simultaneamente, ou seja,

Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita (SOARES, 2004, p. 40).

Neste sentido, espera-se que no 4º ano, ambos os processos estejam consolidados, pois o estudante já deve ser um leitor proficiente capaz de utilizar a leitura para aprender novos conteúdos. A defasagem em alfabetização, como a observada nos 15 alunos, exige uma intervenção focada no código, mas sempre ancorada em práticas de letramento que deem sentido ao aprendizado.

O trabalho de Emília Ferreira e Ana Teberosky (1999) com a Psicogênese da Língua Escrita fornece o substrato teórico essencial para justificar a estratégia de agrupamento. A teoria construtivista demonstra que a criança ao chegar na escola traz consigo muitos conhecimentos prévios e esse sujeito ativo é capaz de construir hipóteses sobre o funcionamento do sistema de escrita, passando por níveis conceituais (pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético). Assim sendo, Ferreira e Teberosky (1999), definem esses níveis nas seguintes categorias: Nível pré-silábico (distinção entre desenho e escrita), nível silábico (construção de formas de diferenciação das escritas, ou seja, quantas letras, quais as letras e como devem ser organizadas para que possam dizer algo), nível silábico alfabético e alfabético (fonetização da escrita. Este tem início quando a criança percebe que existe uma relação entre o que se fala e o que se escreve).

A intervenção pedagógica eficaz, especialmente no contexto da recomposição, exige que o professor identifique a hipótese de escrita de cada aluno para propor desafios que desequilibrem suas estruturas cognitivas e os impulsionem ao próximo nível. No caso desta pesquisa, a separação dos grupos em "alfabetizados" (foco no aprofundamento do letramento) e "não alfabetizados" (foco na aquisição do código alfabético a partir de sua hipótese real) é uma aplicação direta e estratégica dos princípios do construtivismo.

A recomposição curricular não é meramente um reforço de conteúdo. É, conforme sugere o próprio conceito, uma reorganização e priorização intencional das habilidades essenciais perdidas. O foco da intervenção deve ser o desenvolvimento do aluno em sua totalidade, incluindo o resgate da autoestima e do engajamento.

As contribuições de Irandé Antunes (2021) sobre o ensino da língua portuguesa em seu contexto de uso social reforçam que a recomposição deve privilegiar a prática reflexiva e

o letramento. Para os alunos do 4º ano que já dominam o código, a recomposição deve focar em habilidades de leitura crítica, compreensão textual e produção de textos coerentes e coesos, indo "além da gramática" e abordando a língua como prática social. Para os alunos em processo inicial de alfabetização, essa abordagem garante que o aprendizado do código seja significativo, por meio de textos reais e com função social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O impacto da pandemia na turma estudada ilustra, de forma contundente, o aprofundamento das desigualdades. A dependência de um único celular para as aulas remotas para toda a família resultou na exclusão educativa de parcela significativa dos alunos. A necessidade da busca ativa trouxe nossos alunos de volta à escola. Os 15 estudantes que não tiveram qualquer acesso às atividades remotas ao longo do período de isolamento retornaram à escola sem as habilidades mínimas de leitura e escrita esperadas para o início do ciclo de alfabetização (1º e 2º anos), o que se tornou ainda mais crítico no 4º ano, momento em que já deveriam estar utilizando a escrita para adquirir novos saberes.

O diagnóstico revelou que as dificuldades não se limitavam à codificação e decodificação. A defasagem acumulada gerou um quadro de desengajamento crônico, caracterizado por baixa motivação, desatenção em sala de aula e um profundo sentimento de desinteresse. Alunos de 9 e 10 anos, cientes de que não conseguiam acompanhar as atividades do 4º ano, reagem com frustração ou passividade.

Este panorama confirmou a necessidade urgente de uma recomposição que fosse além da simples transmissão de conteúdo. Era imperativo que a intervenção resgatasse a autoestima, a sensação de pertencimento e a crença na capacidade de aprender.

A implementação da recomposição curricular foi a resposta estruturada da escola à crise. A principal ação estratégica foi a reorganização didática por agrupamento produtivo.

O Grupo de Não-Alfabetizados (15 alunos) recebeu um plano curricular rigorosamente focado na aquisição do sistema alfabético. As atividades foram adaptadas para o contexto e idade dos alunos (9-10 anos) e se concentraram em: consciência fonológica (sílabas, fonemas), leitura diária com a mediação do professor, e atividades de escrita autônoma e ditada, sempre respeitando e utilizando a hipótese de escrita atual do aluno (pré-silábica, silábica, etc.) como

ponto de partida (Ferreiro). O objetivo era migrar esses alunos para o nível alfabético o mais rápido possível.

O Grupo de Alfabetizados (13 alunos) focou no aprofundamento do letramento e na consolidação das habilidades próprias do 4º ano de acordo com a Base Nacional Comum Curricular. O currículo foi adaptado para a proficiência leitora, entendendo que “qualquer pessoa que fala uma língua fala essa língua porque sabe a sua gramática, mesmo que não tenha consciência disso” (ANTUNES, 2007, p. 26). Dessa forma, para melhor desenvolver nosso trabalho, incluímos: a compreensão de diferentes gêneros textuais (notícias, poemas, textos informativos), produção textual mais elaborada, ortografia, e o uso de dicionários.

Este trabalho garantiu que o avanço do primeiro grupo não significasse a estagnação do segundo, focando no uso social e reflexivo da língua.

A estratégia de agrupamento se provou eficiente por dois motivos principais: a personalização da intervenção, permitindo que o professor trabalhasse com desafios compatíveis ao nível real de cada grupo, e o otimismo pedagógico, pois os alunos não-alfabetizados sentiram-se em um ambiente onde o erro era construtivo e o foco era exclusivamente em sua necessidade, minimizando a frustração.

ANÁLISE DOS RESULTADOS E AVANÇOS NA APRENDIZAGEM

Os resultados da intervenção de recomposição curricular, após um período de 3 meses, foram significativamente positivos.

No Grupo de Não-Alfabetizados, a maioria dos 15 alunos alcançou o nível alfabético, ou migrou para o nível silábico-alfabético, demonstrando um avanço notável na aquisição da leitura. Cinco alunos que estavam no nível pré-silábico no diagnóstico finalizavam a intervenção na hipótese silábica com valor sonoro, e dez alunos alcançaram a escrita alfabética em textos curtos. O principal indicador de sucesso, no entanto, foi o resgate da motivação; o engajamento dos alunos aumentou drasticamente, e o desinteresse inicial foi substituído pelo prazer de ler e produzir textos.

No Grupo de Alfabetizados, houve um aprofundamento das competências de letramento. Os alunos demonstraram maior fluência leitora e maior capacidade de inferência e compreensão crítica de textos, bem como uma melhoria significativa na coesão e coerência de suas produções textuais. O planejamento focado permitiu que esses alunos consolidassem as

habilidades do 4º ano, sem que o professor precisasse dedicar o tempo da aula regular ao ensino do básico.

O estudo confirma, portanto, a eficácia do trabalho pedagógico que se baseia em um diagnóstico minucioso e em uma intervenção diferenciada. A estratégia de reagrupamento por níveis de conhecimento, pautada na Psicogênese, demonstrou ser uma ferramenta poderosa para tratar a heterogeneidade extrema de turmas do pós-pandemia, garantindo que a alfabetização fosse alcançada por aqueles que foram mais prejudicados, sem comprometer o avanço dos demais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo se propôs a analisar o processo de recomposição curricular em uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental, marcada pelas profundas lacunas de aprendizagem deixadas pela crise da COVID-19. Os resultados demonstram, de forma inequívoca, que o sucesso da recomposição depende de uma ação planejada, multisetorial e pedagogicamente embasada. A sequência de busca ativa, diagnóstico aprofundado e agrupamento produtivo por níveis de conhecimento (FERREIRO, 1999), aliado a um foco no letramento social (ANTUNES, 2021), foi a chave para reverter o quadro de não-alfabetização.

O êxito alcançado na escola pública de Natal/RN reforça a importância de a educação básica se afastar de soluções pedagógicas homogêneas em momentos de crise. É fundamental que as práticas docentes se baseiem no princípio de que cada aluno está em um ponto distinto do processo de aprendizagem e que a intervenção mais eficaz é aquela que respeita e desafia a hipótese real do aluno.

Como implicações pedagógicas, o estudo sugere que as redes de ensino implementem programas robustos de recomposição, que capacitem os professores a realizar diagnósticos psicogenéticos e a gerenciar turmas heterogêneas por meio de agrupamentos flexíveis. A crise sanitária deixou lacunas profundas; no entanto, a experiência desta pesquisa prova que, com ações planejadas e personalizadas, é possível assegurar o direito à alfabetização e ao letramento, devolvendo aos alunos a confiança em sua trajetória escolar. Para estudos futuros, sugerimos o acompanhamento longitudinal desses alunos para verificar a sustentabilidade dos avanços e a transição bem-sucedida para os anos finais do Ensino Fundamental.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Muito Além da Gramática: por um ensino de língua sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2018.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Nota técnica “Impactos da pandemia na alfabetização das crianças”**. São Paulo: Todos Pela Educação, 2022. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2022/10/educacao-ja-2022-alfabetizacao.pdf>. Acesso em: 10/10/2025.